



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

## OPÇÕES E ASPIRAÇÕES DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PROFISSIONAL.

*Esmeraldina Maria da Costa Veloso*

A política educativa portuguesa da década de 80 caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo relançamento do ensino técnico e pela valorização da formação profissional, sendo exemplo desta valorização, entre outros, as Escolas Profissionais (EP).

Esta última medida política educativa citada — as Ep — é apresentada através de discursos públicos como uma medida que visa responder aos desejos dos jovens, proporcionar-lhes outros caminhos alternativos à via regular de ensino após a conclusão do 9º ano de escolaridade.

Estes discursos suscitaram a nossa curiosidade o que nos levou a tentar verificar se essas intenções/objectivos expressos nos discursos oficiais referentes às EP coincidiam com os dos actores sociais, concretamente os alunos.

Este trabalho aqui apresentado faz parte de um outro mais amplo, realizado no âmbito da dissertação de mestrado em Sociologia. É-nos necessário assinalar este facto, pois ao seleccionar estes dados, muitos outros ficaram de fora, não pondo em causa a coerência neste presente trabalho, mas, simultaneamente, sentindo que os outros aspectos deixados de lado poderiam ter interesse para a nossa discussão.

O objectivo desta comunicação é analisar, por um lado, os motivos e condicionalismos presentes nas opções dos alunos por estes cursos e, por outro lado, as suas aspirações face ao futuro, tendo por base a teoria da reprodução cultural e social.

A metodologia usada para recolha de dados foi um estudo de caso realizado de 1991 a 1993, numa Escola Profissional do distrito de Braga.

Recorremos a várias técnicas de recolha de dados como entrevistas a alguns alunos, professores, ao director, ao director pedagógico, aos promotores; um inquérito dirigido a todos os alunos dessa escola e análise documental.

Em termos de tratamento de dados foi usado, para as entrevistas, o método de análise de conteúdo categorial; e para os inquéritos, a análise qualitativa descritiva.

### *Corpo de hipóteses*

Hipótese geral — Existe uma relação entre as condições socioprofissionais dos pais e o curso escolhido.

Hipóteses operacionais

H-1 — A probabilidade dos alunos que frequentam os cursos de formação profissional da EP serem filhos de pais de nível socioprofissional e cultural baixos é elevada;

H-2 — O nível de reprovação até ao 9º ano terá sido determinante na escolha destes cursos de formação profissional;

H-3 — Os filhos de pais de níveis socioprofissionais mais baixos estão mais orientados para o sistema de emprego.

H-4 — Os jovens, filhos de pais de níveis socioprofissionais baixos, aspiram ir para a universidade, via cursos de formação profissional.

### *A amostra*

Os inquéritos abrangeram 70 alunos, todos os alunos da escola, no ano lectivo 91/92. Os alunos entrevistados foram 20, no ano lectivo 92/93. Foi uma amostra estratificada, pois abrangeu os alunos dos 2º e 3º anos (correspondendo, assim, aos alunos inquiridos, pois as turmas não sofreram alterações em termos de população estudantil) dos três cursos.

Os professores entrevistados foram escolhidos com base numa amostra aleatória simples;

foram entrevistados 7 dos 20 professores.

Em relação aos promotores pretendíamos entrevistar os 10, ou seja a totalidade, mas não conseguimos por dificuldades de vária ordem, principalmente, horários sobrecarregados e desencontros, acabando por serem entrevistados 5 promotores.

## Apresentação e análise dos dados

### Breve caracterização da região de implementação da escola

Esta escola encontra-se situada, no Minho, no distrito de Braga, num dos vales da região. A região de implementação da escola, a que denominamos Vale, é uma região, em termos económicos, bastante industrializada, predominando os seguintes ramos de actividade: têxtil, borracha, máquinas não eléctricas e outras indústrias transformadoras.

O sector agrícola, nesta região caracteriza-se por pequenas explorações familiares, de tecnologia rudimentar, predominando, mais especificamente, a agricultura de “*part-time*”. Esta caracteriza-se por ser de pequena dimensão, em que a mão-de-obra é familiar (conta própria). Predominam as actividades que se adequam ao autoconsumo familiar.

Neste caso de agricultura em “*part-time*” os produtores desenvolvem outras actividades ligadas essencialmente ao sector secundário.

Em termos de formação geral, a população desta região tem níveis de instrução baixos. Em relação a cursos de formação profissional ou de índole profissional, constata-se uma baixa percentagem dos que os possuem. <sup>[1]</sup>

### Caracterização da escola profissional do Vale

A escola do Vale partiu da iniciativa de uma pessoa da localidade. Foi formalmente criada em 23 de Agosto de 1990, através de um contrato-programa celebrado entre o Estado, representado pelo GETAP e pelo promotor.

Existiam, no início do trabalho no ano lectivo 91/92, três cursos:

- gestão industrial (diurno);
- gestão industrial (pós laboral);
- informática aplicada (pós-laboral).

Todos os dados apresentados e analisados dizem respeito aos que foram recolhidos através do inquérito realizado aos alunos, embora nalgumas análises se possa recorrer a informações obtidas pelas entrevistas, sendo nesses casos, devidamente, assinalado.

O primeiro curso, gestão industrial (diurno), é o que apresentava maior número de inscritos — 74% do total de alunos da escola. Este curso encontrava-se a funcionar com duas turmas, uma do primeiro e outra do segundo, com igual número de alunos.

### Algumas características dos alunos

Verifica-se que há um equilíbrio entre o número de mulheres e o número de homens que frequentam os cursos.

As idades oscilam entre os 15 e os 32 anos.

Os alunos da escola profissional do Vale, na sua trajectória escolar anterior à entrada no curso de formação, reprovaram quase na sua maioria, 80%, o que representa uma taxa de reprovações elevada. Somente 20% dos inquiridos é que nunca reprovaram.

Analisando as reprovações pelos diferentes graus de ensino, os dados revelam que no unificado há uma maior concentração de reprovações, 49%, seguido do ex-ensino primário com 19% e do ex-ciclo preparatório em que se verificaram 13% das reprovações. Entrando em linha de conta com a variável sexo, as percentagens das reprovações diferenciam-se, sendo as mais elevadas para as mulheres, concentrando-se 27% no unificado, apresentando o sexo masculino, no mesmo grau de ensino, 21% de reprovações.

### Relação entre as posições socioprofissionais e culturais dos pais e a frequência dos cursos de formação profissional, por parte dos filhos

Os pais dos inquiridos detêm, na sua maioria, graus de instrução baixos. A maior concentração, quer ao nível dos pais quer ao nível das mães, situa-se na 4ª classe, com 53% para os primeiros e 51% para as mães, referentes ao total de cada grupo pais e mães.

As profissões dos pais situam-se em maior percentagem, 15%, no estrato nº 7 que corresponde a profissões sem qualquer qualificação, para as quais é referida a 4ª classe ou menos. Neste estrato

“a situação na profissão” é caracterizada por todos serem trabalhadores por conta de outrem. De uma forma global são os estratos socioprofissionais mais baixos que registam maiores percentagens. Esta situação, parece-nos articulada com os graus de habilitações que a maioria dos pais possuem e que, como analisamos anteriormente, correspondem à 4ª classe. O grupo das mães na sua maioria (60%) são domésticas. Registam-se situações de mães que trabalham por conta de outrem (39%) e só uma percentagem muito reduzida (2%) é que é trabalhadora por conta própria com trabalhadores.

A distribuição dos pais pelos sectores da economia aponta para uma maioria (76%), a trabalhar no sector secundário, seguido por actividades ligadas ao sector terciário (22%), registando as actividades do sector primário um percentagem reduzida (2%).

Esta distribuição das actividades profissionais dos pais dos inquiridos pelos diferentes sectores da economia parece-nos articulada com o contexto económico da região, onde se inserem estas famílias, pois trata-se de uma região fortemente industrializada.

Estes dados vêm ao encontro da nossa hipótese de que a maioria dos alunos que frequentam estes cursos de formação profissional, provêm de famílias de estratos sociais baixos, tendo em conta, que podemos determinar as posições sociais, segundo João Ferreira de Almeida et al., a partir de

“duas variáveis primárias básicas 'situação na profissão' e 'profissão’”.<sup>[2]</sup>

### **Razões de escolha do curso de formação profissional**

Os inquiridos dividem-se, quanto às razões que presidiram às suas opções, pela frequência dos cursos de formação profissional. A maior percentagem de alunos (60%) refere, como razão principal, que os motivou a optarem pelo curso, a de que “sempre gostou da profissão e queria aprender”, seguida da razão de que estes cursos davam mais hipóteses de arranjar emprego. Um outro motivo, que também focaram, está ligado com a hipótese do curso lhes proporcionar uma melhor posição no emprego. É interessante verificar que as razões relacionadas com o acesso à universidade são apontadas em percentagens reduzidas, comparativamente, com as analisadas anteriormente. No inquérito existiam duas opções relacionadas com o acesso à universidade, uma dizia respeito à facilidade que a frequência e o diploma do curso proporcionaria a esse acesso, sendo só 9% de homens a apontá-la; a outra tinha a ver com a falta de condições/notas para entrar na universidade, sendo 12% e só mulheres que a salientaram.

Constatamos que os alunos, que reprovaram mais de duas vezes na sua trajectória escolar anterior, dizem ter optado pelo curso de formação porque sempre gostaram da profissão a que ele conduz. Os dados traduzem que as razões ligadas com o mundo do trabalho — seja para terem acesso a uma profissão, seja para melhorar a situação no emprego que ocupam, — são referidas, em maioria, por alunos cujos pais pertencem a estratos socioprofissionais baixos.

Uma das possíveis interpretações para o facto de a maioria dos alunos indicarem como razões de escolha — gostarem da profissão e considerarem o acesso a um emprego facilitado — é a de que as opções dependem do *habitus*, que, por seu turno, é produzido num determinado campo social. Isto poderá, eventualmente, significar que as opções que estão ligadas ao mundo do trabalho, têm a ver com os contextos sociais onde foram produzidas, cujos capitais cultural e económico são maioritariamente baixos.

### **Aspirações dos alunos**

Questionados sobre as suas aspirações em relação ao futuro profissional, a maior parte deles, 54 dos inquiridos, referiu que queria ir trabalhar na área do curso que frequentavam. Um grupo mais pequeno (17 dos inquiridos) referiu que queria tirar um curso superior, tendo sido referidas outras aspirações, mas em número muito reduzido.

As aspirações demonstram uma certa variação se as cruzarmos com a variável estrato socioprofissional do pai. Assim, a aspiração mais referida — que é ir trabalhar na área do curso — é referida por todos os estratos sociais, excepto por inquiridos cujos pais pertencem a um dos estratos elevados. Os inquiridos cujos pais pertencem a estratos socioprofissionais baixos referem só duas aspirações, ir trabalhar na área do curso e tirar um curso superior.

Os alunos que apresentam um número elevado de reprovações pretendem, essencialmente, ingressar no mercado de trabalho, facto que vem contribuir para comprovar uma hipótese formulada por nós. Na observação directa que levamos a cabo na escola profissional do Vale, constatamos que na altura das provas específicas, que fazem parte do processo de acesso à universidade, a maioria dos alunos finalistas do curso diurno (excepto dois) submeteram-se a elas. Foi-nos revelado pelas entrevistas, tanto nas que fizemos aos alunos como aos professores, que alguns desses alunos que fizeram a prova específica, tinham tido aulas extras e explicações a disciplinas que integravam as provas, pois o currículo das escolas profissionais não abrange toda e a mesma matéria que o currículo da via regular. Como referiam os alunos, quem frequenta as escolas profissionais e se

quer candidatar à universidade está prejudicado face aos alunos da via regular, porque não tem a mesma preparação.

Este empenhamento no processo de candidatura por parte da maioria dos finalistas do curso diurno parece revelar que a aspiração de tirar um curso superior ainda está presente, apesar de nos questionários não estar tão explícito.

O sistema de ensino, ele próprio é um dos promotores “de produção de aspirações”, quer através do currículo, quer pelo facto de a escola ser uma escola de massas, na qual, segundo Madureira Pinto, “a própria expansão e autonomização de espaço de convivência e de sociabilidade (...) se pode tornar responsável (...) por fenómenos de redefinição de grupos de referência e de interiorização,

por mimetismo quase sempre incontrolado, dos estilos de vida mais prestigiados”.<sup>[3]</sup> Deste facto é possível produzirem-se aspirações sociais traduzidas por um desejo de ascensão social, não compatíveis com a realidade do mercado de trabalho, quer ao nível da inserção profissional, quer ao nível da mobilidade socioprofissional.<sup>[4]</sup>

O facto de o sistema português de ensino não contemplar, desde o 1º ciclo do ensino básico, uma formação técnica vai originar, na opinião de Madureira Pinto, “enormes enviesamentos no processo de construção de identidades vocacionais”, daí que não será de estranhar “que sejam cada vez mais procurados, quer no ensino secundário, quer no tentacular aparelho de formação profissional,

as variantes 'nobres' da oferta de títulos e escasseiem as 'vocações' na área tecnológica”.<sup>[5]</sup><sup>[6]</sup>

Perante este estado da situação, Madureira Pinto preconiza, desde o 1º ciclo do ensino obrigatório, a implementação de formação tecnológica.<sup>[7]</sup>

Assim, pensamos, que as escolas profissionais estão numa altura do percurso académico em que as aspirações dos jovens já estão produzidas e, como refere Madureira Pinto, produzidas num contexto em que a formação tecnológica não é valorizada, podendo originar situações de empenhamento, como aquela que observamos, no acesso à universidade.

### **Imagens sobre a futura inserção profissional**

Os inquiridos, na sua maioria, consideram fácil arranjar emprego, após terminarem o curso. Esta facilidade é justificada, por eles, em grande percentagem, por factores ligados com necessidades de quadros médios, por parte da empresa, e também, porque a formação que têm é muito boa. Outras justificações para a facilidade de encontrar trabalho dizem respeito ao facto de terem ajudas de alguém, ou pelo facto de as empresas serem promotoras da escola. A título ilustrativo, um aluno diz a este respeito o seguinte: “Vai ser fácil arranjar emprego porque a escola tem empresas promotoras em que a nossa formação é necessária.”

Embora em número mais reduzido, há inquiridos que encaram a futura inserção profissional com certas reservas. As dificuldades que apontam para arranjar emprego, sejam do curso diurno, sejam do curso pós-laboral, são, por um lado, a crise económica do país e da região onde residem ( 21% para os primeiros e 7% para os do pós-laboral) e, por outro lado, o número elevado de pessoas à procura de emprego e a competição (10% para os do diurno e 7% para os do pós-laboral).

De uma maneira geral, os inquiridos, cujos pais têm níveis de instrução mais baixos, são os que referem que arranjar emprego vai ser difícil. Os dados sugerem que quanto mais aumentam os níveis de instrução dos pais, mais os inquiridos encaram com facilidade arranjar emprego.

Num comentário final à imagem que os inquiridos construíram da facilidade ou não em arranjar emprego, parece-nos que se podem detectar certos traços dominantes do discurso oficial como a necessidade de quadros intermédios para a economia e as causas do desemprego juvenil estarem associadas à falta de formação adequada às necessidades do tecido produtivo.

### **Conclusões**

Os dados recolhidos comprovam a nossa hipótese geral de que as opções dos alunos por estes cursos são condicionadas pelo campo social em que se inserem e pelo *habitus*, conceitos que também nos ajudam a compreender que as opções parecem ser de livre e espontânea vontade, mas condicionadas. Por outro lado, os dados também sugerem, tendo presente a teoria da reprodução cultural e social, que a via regular “cumpriu” mais uma vez a sua função de selecção social, visível nas entrevistas dos alunos e professores que referiram que os alunos que vêm para aqui são “os menos capazes” (excluídos) dessa via regular e curiosamente, como constatamos através dos dados do inquérito, pertencentes na sua esmagadora maioria a famílias de capital cultural e capital económico baixos. Um indicador (destes alunos serem os excluídos da via regular) é a elevada taxa (80%) de reprovações nessa via. Os depoimentos nas entrevistas esclarecem também a

exclusão dessa via de ensino.

As aspirações destes alunos estão orientadas para o mercado de trabalho, o que vem comprovar esta reprodução social e uma das nossas hipóteses operacionais. Segundo a teoria da reprodução cultural e social, as aspirações são, também elas, condicionadas pelo *habitus* e pelas condições objectivas de vida. Contudo, há que ressaltar, como refere Madureira Pinto, que as aspirações também estão condicionadas pelo facto de a escola ser um local de sociabilidades entre diversos grupos sociais, o que provoca uma alteração nos grupos de referência, aumentando as aspirações. O facto de a formação tecnológica não ser valorizada na própria escola, como refere o mesmo autor, também, contribui para um desfasamento entre as aspirações dos jovens e os futuros empregos e para uma inserção profissional, por vezes dolorosa.

É de referir que, quanto as expectativas de arranjar emprego, alguns alunos consideram-nas positivas porque acreditam que o facto do promotor da EP ser constituído essencialmente por empresas lhes garante o emprego ou lhes será facilitado. Confrontando com os depoimentos dos promotores sobre esta problemática, constatamos que não está no horizonte de alguns deles a garantia de emprego, até porque isso não faz parte do contrato.

Outro aspecto de referir é a análise que Correia faz sobre as Eps, inseridas numa análise da política educativa da década de 80, de que elas aparecem “como uma tentativa de institucionalizar espaços sociais capazes de institucionalizar a transição profissional onde os

actores sociais poderão circular entre situações de formação, emprego e desemprego”.<sup>[8]</sup>

As opiniões, que referem a difícil inserção no mercado de trabalho, devido à falta de qualificação dos jovens ou porque as escolas não os preparam conveniente e adequadamente, parecem traduzir as ideias dominantes do discurso oficial. A ideologia da modernidade, presença dominante nesse discurso, oculta a complexidade do fenómeno — desemprego juvenil — articulando-o com factores, como falta de formação por parte dos jovens, legitimando o aparecimento de medidas como as EP, que visam uma ligação entre escola e vida activa e uma adequada formação dos jovens, contribuindo para resolver o desemprego juvenil.

## Referências Bibliográficas

- Almeida, João Ferreira de; Costa, António Firmino da; Machado, Fernando Luís. “Famílias, “Estudantes e Universidade. Painéis de Observação Sociográfica”, in, *Sociologia. Problemas e Práticas*, Nº 4, 1988, pp. 11-44.
- Correia, José Alberto. “Escola, Novas Tecnologias e Mercado de Trabalho em Portugal”, in *Aprender*, nº11 (1990), pp. 45-52.
- Correia, J. A., Stoleroff, A. D., Stoer. “A Ideologia da Modernização no Sistema Educativo em Portugal”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 12/13 (Jan. de 1993), pp. 25-51.
- Pinto, José Madureira. “Educação, Trabalho e Desenvolvimento: uma Reflexão sobre o Caso Português”, in *O Professor*, nº 35 (Nov. 1993), pp. 63-69.
- Veloso, Esmeraldina Costa. *O “Novo Vocacionalismo” na Política educativa Portuguesa. Dos Discursos às Práticas Sociais. Um Estudo Sociológico sobre as Escolas Profissionais*, dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1994.

[1] Todas estas informações sobre a caracterização da região de implementação da escola foram retiradas de *Operação integrada de desenvolvimento do vale do Ave. Estudo preparatório. Relatório Final*, Porto, Comissão de Coordenação da Região do Norte, 1988.

[2] João Ferreira de Almeida; António Firmino da Costa; Fernando Luís Machado, “Famílias, Estudantes e Universidade. Painéis de Observação Sociográfica”, in, *Sociologia. Problemas e Práticas*, Nº 4, 1988, p. 15.

[3] J. Madureira Pinto, “Educação, Trabalho e Desenvolvimento: uma reflexão sobre o caso português”, in, *O Professor*, Nov./dez., Nº 35, 1993, p. 68.

[4] *Ibid.*

[5] *Ibid.*

[6] *Ibid.*

[7] *Idem*, p. 69.

[8] J. A. Correia, “Escola, novas tecnologias e mercado de trabalho em Portugal”, *ed. cit.*, p. 46.